

COOK, Noble David. *Born to die. Disease and New World conquest, 1492-1650*. Cambridge University Press, Cambridge, 1998. xii + 248 pp., ilustrações, índices.

Francisco Silva Noelli\*

A consideração das doenças epidêmicas introduzidas pelos europeus, como o mais poderoso agente depopulador dos povos ameríndios, só passou a ser levada a sério há menos de 30 anos. A *leyenda negra* e as justificativas derivadas da ideia de violência e crueldade dos conquistadores espanhóis e portugueses, vêm sendo paulatinamente suplantadas por estudos regionais que juntam dados pacientemente, documento por documento, revelando de modo não-fundamentalista a ação catastrófica de epidemias em “solos virgens” como o principal “vetor da morte” de incontáveis indígenas. Ao mesmo tempo, desde uma perspectiva local/regional e de encadeamentos territoriais mais amplos, estes estudos vêm contribuindo positivamente para superar as “fantasias aritméticas” e as “estimativas do desconhecido” a respeito do tamanho das demografias ameríndias ao tempo da chegada dos europeus e de seus declínios/extinções/recuperações em todo o continente.

O livro de Noble David Cook, a partir de exemplos pinçados de norte a sul das Américas, contribui positivamente para a consolidação do fato de que a depopulação em escala continental teve como principal agente as doenças. Mais do que guerras, escravidão, genocídio, assimilação e outros fatores sociais, políticos, ecológicos e econômicos, o autor reflete um consenso entre outros pesquisadores da temática: todos estes fatores, em maior ou menor intensidade, estariam diretamente relacionados com as doenças e, na maioria dos casos, as doenças poderiam explicar o domínio de tão poucos europeus sobre tantos indígenas. Cook defende claramente a posição de que presença das epidemias ocupa um lugar central na reinterpretação da História do contato entre o Velho e Novo Mundo, pois parte do princípio que a “leyenda negra” não cobre integralmente a explicação sobre o colapso demográfico. Ele defende a posição de que a construção da retórica em torno da cruel-

dade dos ibéricos, desde Las Casas e seus contemporâneos quinhentistas, especialmente a derivada da abordagem marxista entre os anos 60 e 80, encobriu posteriormente a pesquisa de outros fatores explicativos da depopulação ameríndia.

A importância do livro reside no seu objetivo maior, uma síntese que apresenta um panorama continental da ação das epidemias, desde 1492 a 1650, de Hudson Bay até a Tierra del Fuego. Tal intento foi alcançado, conseguindo realizar a primeira abordagem que encadeia eventos ocorridos em uma enorme área geográfica. Cook usa tanto fontes de época quanto a maioria das publicações acadêmicas sobre a temática na América Latina e Brasil, apresentando uma vasta quantidade de eventos. Simultaneamente apresenta e analisa criticamente as discussões mais relevantes, que vão das pioneiras às mais atualizadas, a partir de um conjunto formado pelos melhores trabalhos existentes. Ao mesmo tempo, de modo parcial, vai resgatando a História das pesquisas sobre as epidemias a partir de John Duffy, dos anos 50 até o presente. No entanto, deixou de tratar de alguns trabalhos pioneiros, a exemplo do de Percy Ashburn nos *The Ranks of Death: A Medical History of the Conquest of America* (1947).

Outro aspecto deste livro bem escrito e com argumentos convincentes, destinado a tradução em espanhol e português, é a evidente contribuição para aperfeiçoar a construção da História do Novo Mundo via abordagem interdisciplinar. Significa que acadêmicos e leitores comuns de vários países terão acesso a uma obra que apresenta uma perspectiva além das abordagens invariavelmente (macro) econômicas ou políticas que dominam a maioria dos manuais e sínteses publicadas até 1998. Este aspecto é relevante para os meios acadêmicos fora dos Estados Unidos, Canadá e México, onde o papel histórico e social das epidemias já alcança razoável espaço em cursos de graduação, projetos de pesquisa, eventos e publicações. Acrescentem-se aí temas de viés ecológico, e exemplo dos introduzidos por livros pioneiros como o de Carl

(\*) Universidade Estadual de Maringá.

Sauer ou as mais recentes sínteses de Alfred Crosby e Warren Dean, que ainda necessitam de um desenvolvimento maior em escala local/regional. Nas universidades brasileiras esses estudos e perspectivas ainda são escassos, representados majoritariamente por autores estrangeiros e raramente por nativos. Acontece o mesmo com o mercado editorial que não publicou nesta temática, tanto nas traduções (só os livros de Crosby, *Imperialismo ecológico*, e Dean, *A ferro e fogo*) quanto em pesquisas originais.

O reflexo desta restrição científico/literária latino-americana e, sobretudo, brasileira, aparece na distribuição dos capítulos de *Born to die* e a quantidade/qualidade de informações que eles contêm. O Caribe, América Central, Andes e o Chile aparecem bem representados por diálogos com análises prévias, pois o tema já atrai interesse desde os anos 60, com destaque para Henry Dobyns, Alfred Crosby, Woodrow Borah, Sherburne Cook e Nicolás Sanchez-Albornoz, Kenneth Kiple, Linda Newson, Suzanne Alchon, W. George Lovell, Francisco Guerra, entre outros. O Brasil, Argentina, Paraguai, Bolívia e Uruguai, pouco presentes no livro e basicamente representados por fontes de segunda mão, constituem ainda verdadeiras lacunas de conhecimento, sendo áreas com rica do-

cumentação colonial inteiramente abertas à pesquisa. Na parte sobre o Brasil, Cook analisa poucos cronistas quinhentistas (Léry, Thevet e Schmidel) e baseia sua análise nos raríssimos trabalhos contemporâneos, como o impreciso *Red Gold* de John Hemming, nos artigos de Dauril Alden e Joseph Miller sobre transporte de doenças junto com escravos africanos, bem como duas versões de um artigo de Warren Dean sobre população e mão-de-obra escrava no litoral de São Paulo e Rio de Janeiro.

No entanto, diante de tantas fontes coloniais, de uma exuberante interpretação, da erudita interdisciplinaridade que está em desenvolvimento a custo de intensos debates críticos levados a cabo nas últimas duas décadas, o livro de Noble David Cook representa um alerta para aqueles que pesquisam sobre os povos indígenas que viveram/vivem no atual território brasileiro: estamos, como sempre, inteiramente defasados e atrasados, não só no estudo de epidemias, mas em demografia histórica, formação da sociedade brasileira, depopulação indígena etc.. Desconhecemos estas perspectivas e suas abordagens sofisticadas, que certamente passarão à margem das efemérides do “quingentésimo aniversário do Brasil” no ano 2.000.

*Recebido para publicação em 20 de maio de 1999.*